



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS E ARTES**

**CRISE DE IDENTIDADE E MAL ESTAR CULTURAL NO  
ROMANCE GRÁFICO *RETALHOS*, DE CRAIG THOMPSON**

**ANA LÍGIA SANTIAGO BARROS**

Campina Grande, PB  
OUTUBRO /2013

**CRISE DE IDENTIDADE E MAL ESTAR CULTURAL NO  
ROMANCE GRÁFICO *RETALHOS*, DE CRAIG THOMPSON**

**ANA LÍGIA SANTIAGO BARROS**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho Acadêmico Orientado como requisito para a conclusão do curso de licenciatura em Letras na Universidade Estadual da Paraíba, na área de Língua Inglesa, sob a orientação da Profa. Dra. Rosângela Queiroz.

**Campina Grande, PB**

**OUTUBRO/2013**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

B277c

Barros, Ana Ligia Santiago

Crise de identidade e mal estar cultural no romance gráfico retalhos, de Craig Thompson [manuscrito] / Ana Lígia Santiago Barros. – 2013.

48 f. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2013.

“Orientação: Profa. Dra. Rosângela Queiroz, Departamento de Letras”.

1.

rise de Identidade 2. Intersemiotica 3. Mimese da Narrativa I. Título.

C


21. ed. CDD 155.2

**CRISE DE IDENTIDADE E MAL ESTAR CULTURAL NO  
ROMANCE GRÁFICO *RETALHOS*, DE CRAIG THOMPSON**

**ANA LÍGIA SANTIAGO BARROS**

Monografia aprovada em: 18 / 10 /2013

BANCA EXAMINADORA:

 - 9.0  
Prof.ª. Dra. Rosângela Queiroz – Orientadora

 9.0  
Prof. Ms. Adalberto Teixeira Rodrigues – Examinador

 9.0  
Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva – Examinador

**Campina Grande, PB  
OUTUBRO/2013  
Agradecimentos**

Agradeço à minha família, amigos e especialmente à minha orientadora, Rosângela, por ter acompanhado de perto a produção deste trabalho.

*“When you're different in a society, you're funny.”*  
Will Eisner

## RESUMO

O presente trabalho investigou a crise de identidade vivida pela personagem Craig Thompson, no romance gráfico (autobiográfico) *Retalhos* (2005). Buscou-se caracterizar a natureza do “mal estar” que afeta a personagem e demonstrar psicanaliticamente o desenvolvimento do processo de tomada de posição de sua parte, com vistas ao equacionamento da crise identitária. Destaca-se, nesse processo, o papel dos mecanismos de defesa do ego, como a *racionalização*, a *reparação* e a *inibição da agressividade* como possíveis instrumentos, em vários lances da vida de Craig, para a *acomodação*, caracterizada como elemento de repressão ou de retardamento ao doloroso e inevitável processo de (re) constituição da identidade pelo qual a personagem teve que passar. Aponta-se também em que medida a *memória*, ao contrário dos mecanismos de defesa do ego, atuou como instrumento de aquisição da integridade daquele, aqui relacionada à busca do equilíbrio entre realidade e projeto interior. Observou-se, ainda, como os quadrinhos representaram/mimetizaram, na interface *palavra x imagem*, o mal-estar cultural presente na raiz da crise de identidade vivida por Craig, destacando as possíveis interações ou interpenetrações que a palavra e a imagem permitem enquanto intersemioses identificadas a processos de significação correlatos, embora distintos, como a narrativa literária e a linguagem visual dos quadrinhos. Esta pesquisa, de cunho bibliográfico e qualitativo, discute, por meio dos postulados teóricos da Psicanálise, dos Estudos Culturais em Literatura e da Semiótica, a crise de identidade como uma das características do mal-estar cultural. Nesse panorama, o signo peirceano possibilitou a análise de um conjunto significativo explicado através do diálogo estabelecido pela análise entre esta perspectiva e a leitura freudiana das imagens e discursos no método das livres associações. Assim, no âmbito da Teoria da Literatura incluíram-se os procedimentos metodológicos relativos ao exame da mimese da narrativa nas histórias em quadrinhos (HQ) como gênero, neste trabalho centrados preferencialmente na atuação e na caracterização da personagem. Mediante tais aspectos, a análise sugere como possibilidade interpretativa o caminho da subjetivação através da arte, tomado por Craig como solução à problemática envolvendo as suas escolhas entre a própria integridade mental e os termos da norma social vigente.

**Palavras-chave:** Mal estar cultural. Crise de identidade. (Inter)semiótica. Mimese da narrativa.

## ABSTRACT

This study investigated the identity crisis experienced by the character Craig Thompson in the (autobiographical) graphic novel, *Blankets* (2005) . It purposes to characterize the nature of the "malaise" that affects the character. Also, it psychoanalytically demonstrates the development of Craig's stance process, considering the identity crisis. The role of ego defense mechanisms, such as *rationalization* , *repair* and *aggression inhibition* were noteworthy for this process as possible tools in several moments of Craig's life for the *accommodation* , characterized as an element of repression or delay to the painful and inevitable process of identity (re)constitution by which the character had to undergo . It also highlights how *memory*, (unlike the ego defense mechanisms) acted as an instrument acquisition of his integrity, here related to the search for balance between reality and interior design. The study also remarked how the comics represented/mimicked the cultural malaise present in the root of the identity crisis experienced by Craig at the "word x image" interface, highlighting the possible interactions or interpenetrations that word and image allows as identified intersemioses to some "related, though distinct" processes of signification, like the literary narrative and the visual language of comics . Through theoretical postulates of psychoanalysis, cultural studies in literature and semiotics, this bibliographical and qualitative research discuss the identity crises as an attribute of the cultural malaise . In this scenario, the Peirce's Theory of Signs allowed the analysis of a significant set, explained through the dialogue established by analysis from this perspective and Freudian reading of images and discourses in the method of free associations . Thus, within the Theory of Literature scope, the methodological procedures related to the examination of narrative mimesis in comics were included as a genre. This work focused on the acting and the characterization of the character . Under these aspects, the analysis suggests as interpretative possibility the way of subjectivity through art , taken by Craig as a solution to problems involving his choices between his own mental integrity and the terms of the prevailing social norm .

Keywords : Cultural Malaise. Identity crisis. (Inter)semiotics. Narrative mimesis.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1.....	34
Figura 2.....	35
Figura 3.....	36
Figura 4.....	36
Figura 5.....	38
Figura 6.....	39
Figura 7.....	40
Figura 8.....	41
Figura 9.....	41
Figura 10.....	42
Figura 11.....	42
Figura 12.....	43
Figura 13.....	43
Figura 14.....	44
Figura 15.....	44
Figura 16.....	45

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
2.1 A felicidade em psicanálise: uma questão de <i>weltanschauung</i> .....	14
2.2 O bem e o mal, dentro e fora: a relação objetal como termômetro da cultura ...	19
2.3 Arte e experiência estética na modernidade tardia: o objeto (inter)semiotizado	26
3. ANÁLISE DE DADOS .....	33
3.1 Identidade em <i>Retalhos</i> : reunindo os fragmentos dispersos do eu.....	33
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	46
REFERÊNCIAS .....	48

## 1. INTRODUÇÃO

Por um longo período, as histórias em quadrinhos (doravante HQs) foram mal recebidas pelo meio acadêmico. Entretanto, com o surgimento do romance gráfico, em meados dos anos 1960, eis que surge um gênero literário voltado, em maioria, para adultos, de narrativa texto-pictórica, enredos bem executados, além de temas e personagens complexos.

Esta pesquisa, de natureza bibliográfica e qualitativa (GONSALVES, 2001, p. 3), apresenta procedimentos técnicos baseados na coleta e na análise de dados que comprovem a recorrência de determinado aspecto observado num universo de pesquisa específico. Mediante uma interação dos postulados teóricos da Psicanálise, dos Estudos Culturais em Literatura e da Semiótica, pretende-se o estudo da crise de identidade nas histórias em quadrinhos.

A escolha da crise de identidade como objeto de estudo, aspecto do mal-estar cultural aqui investigado, acompanha o desenrolar de pesquisa PIBIC-CNPq em andamento desde 2007, e advém de uma constatação fundamental: a necessidade inalienável, experimentada pelas personagens das obras então analisadas, de *tomar posição* em relação à consecução do “projeto interior”, o qual se manifestava, via de regra, conflitante com os papéis sociais para elas definidos pelo *status quo* vigente. A escolha pela realização do projeto interior (que pode ser representado na busca de autorrealização profissional, artística, intelectual, espiritual, psicológica), exigia o reconhecimento da fissura entre a feição identitária desejada e a existente, tornando-se inevitável o abandono da posição já ocupada para a efetivação da mudança pretendida. É exatamente esta a conjuntura que envolve a personagem Craig da história em quadrinhos *Retalhos*, inscrita para este trabalho.

Questiona-se, a essa altura, até que ponto as escolhas realizadas pela personagem Craig, pela via da racionalização, traduzem o desejo interior do prevaletimento de sua identidade individual – de sua subjetivação – ou simplesmente reforçam os termos da norma social vigente, como se reafirmá-los tornasse mais “confortável” uma determinada posição, ainda que através do autoenvilecimento e da negação, mesmo que temporária, de si próprio.

De acordo com Bauman (2005), a ideia de identidade nasce da constatação de um mal-estar primordial, o desejo de segurança. A “crise do pertencimento” exige do indivíduo um esforço de natureza dialética e ambivalente para o controle da realidade, que se traduz por

situar-se em grupos de afinidade, buscando, ao mesmo tempo, transpor o fosso entre aquilo que ele crê que *deve ser* e aquilo que efetivamente *é* (BAUMAN, 1998). Assim sendo, ao lançar-se à tentativa de “erguer a realidade – e recriá-la – ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia” (BAUMAN, 2005, p. 26), não estaria o indivíduo equiparando-a à utopia e consequentemente substituindo uma ilusão por outra?

Colocando a questão da crise identitária aqui delineada nos parâmetros da segunda tópica freudiana do aparelho psíquico (KAUFMAN, 1996, p. 522): em que bases, para além do compromisso com a manutenção da sua integridade, o ego apóia-se para negociar um meio termo acessível ao seu capital energético entre a censura do agente crítico e a realização do desejo? Como se processa, independentemente de seu sucesso ou fracasso, o equacionamento da crise de identidade na história em quadrinhos selecionada? Em outras palavras, como o personagem Craig lida com o conflito interior entre o desejo (de assumir uma nova feição identitária, não religiosa ou conservadora, mediante o abandono da posição já ocupada, por exemplo) e a interdição oferecida pelo princípio de realidade? Em que medida a memória atua como instrumento de aquisição da integridade do ego, entendida aqui como a homeostase entre realidade e projeto interior?

Caracterizada no plano do conteúdo, a problemática delineada demandou a formulação de algumas questões fundamentais ligadas à representação e à dinâmica do esforço criador. Para tanto, a investigação se debruçou sobre o plano da expressão, nele buscando esclarecer os seguintes pontos: primeiro, como os quadrinhos mimetizam, na interface palavra *x* imagem, o mal-estar cultural que se encontra na raiz da crise de identidade vivida pelas personagens da história? Segundo, que interações ou possibilidades interpretativas a palavra e a imagem permitem, funcionando como intersemioses que traduzem mal-estar e crise identitária?

Alguns objetivos e metas foram traçados para nos guiar à resolução dessas questões. Como objetivo geral, analisamos, nas perspectivas teóricas já mencionadas, a crise de identidade vivida pela personagem da HQ selecionada. Como objetivos específicos, buscamos caracterizar, em suas linhas gerais, a natureza do “mal-estar” que acomete a personagem, caracterizando este afeto como oriundo do conflito entre realidade (identidade efetiva) e

projeto interior (identidade desejada), que se instaura como o principal problema a ser por ela resolvido.

Outro objetivo foi o de demonstrar psicanaliticamente o desenvolvimento do processo de tomada de posição da personagem analisada, no que concerne à crise identitária por ela experimentada, relacionando tal crise: a) ao dilema entre manter ou abandonar a posição conquistada, e b) ao funcionamento das instâncias do aparelho psíquico, a saber, o Id, (identificado à satisfação irrestrita do desejo), o Superego (identificado à censura do prazer e às regras para a supressão do desejo) e o Ego (identificado à expressão exterior do sujeito na vida social, baseada no equilíbrio entre a satisfação do desejo e a censura do agente crítico). Destacamos, ainda, o papel dos mecanismos de defesa do ego, como a *racionalização*, a *reparação* e a *inibição da agressividade* como possíveis instrumentos para a *acomodação*, caracterizando-a, desta forma, como elemento de repressão ou de retardamento ao doloroso e inevitável processo de (re) constituição da identidade pelo qual a personagem teve que passar.

Apontamos também em que medida a memória, ao contrário dos mecanismos de defesa do ego, atuou como instrumento de aquisição da integridade daquele, aqui relacionada à busca do equilíbrio entre realidade e projeto interior. Observamos como os quadrinhos representaram/mimetizaram, na interface *palavra x imagem*, o mal-estar cultural presente na raiz da crise de identidade vivida por Craig Thompson, destacando as possíveis interações ou interpenetrações que a palavra e a imagem permitem enquanto intersemioses identificadas a processos de significação correlatos, embora distintos, como a narrativa literária e a linguagem visual dos quadrinhos.

O indivíduo da modernidade tardia, às voltas com a necessidade de administrar a fluidez dos limites entre as várias identidades (por vezes conflitantes entre si) que é obrigado a utilizar, vê-se constantemente solicitado a reafirmar-se em função dos compromissos assumidos e do próprio bem-estar interior. Se, para o ego, manter a própria integridade já era uma tarefa ingente quando se acreditava na visão unificada do sujeito iluminista, contemporaneamente, diante da fragmentação resultante das várias identidades concorrentes, pode ser tomada como um verdadeiro trabalho de Sísifo, implacavelmente fadado ao recomeço. (FREUD, 1996, XXII, p. 82; HALL, 2006, p.12-13).

Na autobiografia *Retalhos* (2009), Craig Thompson remete o leitor aos anos 80 e 90 do século XX. Conta de sua infância, numa família da classe média baixa americana, rigidamente cristã. Menino profundamente carente de atenção e afeto, Craig relembra quadro a quadro a relação com seu irmão mais novo, pontuada pelas brigas naturais à idade, mas também por eventos bem mais traumáticos: a brutalidade do pai, a indiferença da mãe, a presença do *baby-sitter* pedófilo, as humilhações diárias pelos valentões da escola, a exclusão devida à pobreza, a religião despida de elementos de consolo e de resposta às inquietações interiores.

Os momentos de maior sensibilidade e poesia da narrativa são aqueles em que Craig adolescente apresenta Raina, o seu primeiro amor. Os “retalhos” do título se configuram tanto na narrativa fragmentada, que vai e volta na linha do tempo, quanto na lembrança marcante do presente dado a ele por Raina, uma colcha de retalhos, que passa a traduzir o processo de gradual aceitação de si próprio através da compreensão e autopacificação em relação ao passado. Dessa forma, *Retalhos* caracteriza-se como uma espécie de exorcismo simbólico, que permite a Craig finalmente fazer as pazes consigo, com a própria história e com as pessoas que dela fizeram parte até aquele momento.

Para efeitos de sistematização, McCloud (2005, p. 9) define as histórias em quadrinhos como “imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador”. O próprio autor, entretanto, reconhece que a sua definição não dá conta do potencial expressivo das HQ’s, ao mesmo tempo em que parece descaracterizar a visão de uma forma da arte que se pretende fundamentalmente popular. Assim sendo, para ele, o qualificativo de “arte sequencial” conferido por Will Eisner será, na maioria dos casos, o mais adequado (Idem).

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 A felicidade em psicanálise: uma questão de *weltanschauung***

Em *O mal-estar na civilização*, publicado em 1929-1930 em colaboração com sua filha Anna, Freud, afirma que o estabelecimento da felicidade como objetivo da vida caracteriza e impulsiona o processo de maturação psicológica dos seres humanos. Conjugando essa finalidade precípua ao princípio de realidade, o ego, na medida de suas possibilidades, busca por todos os meios desfrutar do prazer e evitar o desprazer na relação entre os mundos interno e externo, constituindo a religião uma alternativa de conforto que a realidade não oferece.

Felicidade, na perspectiva da filogênese defendida por Freud na obra, equivale à satisfação dos instintos. O sofrimento, como sua antítese, advém da insuficiência do mundo externo em atender a tais necessidades. Nesse sentido, o homem civilizado tem, paradoxalmente, na própria civilização, a causa principal da infelicidade da qual, em maior ou em menor grau, é refém, uma vez que a vida em sociedade pressupõe a redução ou, no limite, a abolição das exigências pulsionais.

A civilização, afirma Freud, resulta da necessidade do homem de proteger-se contra a natureza e de ajustar seus relacionamentos mútuos, substituindo, no processo, o poder do indivíduo pelo poder da comunidade. A dificuldade dos relacionamentos sociais e individuais decorre, então, da frustração devida à renúncia ao instinto, monitorada a partir de novos costumes, tabus e leis.

Dois aspectos emblemáticos da natureza humana, sexualidade e agressividade, sofrem restrições mais intensas na civilização, o que demonstra o alto preço pago pelas benesses do progresso, do conforto, da tecnologia, da segurança. O ego, premido pelo poder parental (pais, professores, agremiações, igrejas, leis, superiores hierárquicos, etc.) e pela força da matriz instintual, o id, aceita as vantagens da vida em grupo, enquanto negocia o grau da sua submissão às imposições que o restringem. Para Freud, dessa forma, cada indivíduo entretém uma relação ambivalente com a civilização que o alimenta e protege, por um lado, e o garroteia com o arrocho instintual, por outro.

Assim, a evolução da civilização seria uma representação da prevalência do instinto de vida sobre o instinto de morte, ou simplesmente descrita como a luta da espécie humana pela vida. O meio que a civilização utiliza para inibir a agressividade está relacionado ao sentimento de culpa culturalmente estabelecido em relação ao outro, traduzido na ética das relações que embasa a fraternidade pregada pela religião. O sentimento de culpa, ou “o medo de ser julgado”, para o autor, é o mais importante problema no desenvolvimento da civilização. Culturalmente, a culpa não é percebida como tal, ou seja, aparece inconscientemente como uma espécie de mal-estar ao qual a religião intitula de “estar em pecado”. A consciência, tendo a função de julgar o ego, é atribuição do superego e a “necessidade de punição”, funciona como alternativa, por vezes a única, para o equacionamento do mal-estar. O remorso, nessa perspectiva, como reação ao sentimento de culpa, constitui uma manifestação instintiva por parte do ego, tornado masoquista sob a influência do superego, que Freud qualifica de “sádico”. Aceitar a responsabilidade sobre os atos que a consciência reprova equivale psicanaliticamente a reagir masoquisticamente ao assédio do agente crítico, tendo como dividendo eximir-se do julgamento dos outros.

Em *O futuro de uma ilusão*, o trabalho seguinte, Freud aprofunda as reflexões acerca do comportamento humano no contexto civilizatório, no qual as relações mútuas são influenciadas pela gradação da (in)satisfação instintual. O homem, transformado em objeto sexual ou instrumento de trabalho, é individualmente apontado como inimigo não declarado da civilização. O autor justifica a natureza coercitiva das leis através da necessidade da civilização ser defendida *contra* os indivíduos. A ordem, os regulamentos e as instituições são os pilares sobre os quais a civilização assenta a repressão e a renúncia ao instinto.

Freud, portanto, afirma que a base da civilização humana reside paradoxalmente nas ações instintivas do homem, cujo curso é orientado pelas experiências da primeira infância. As privações instintuais ditadas pela sociedade constituem a fonte da hostilidade gradualmente desenvolvida para com a civilização, mas também atuam como proteção do indivíduo e do outro nos termos do contrato social a cumprir. Na economia do aparelho mental, no entanto, semelhante sofrimento precisa ser compensado e é aí que se delinea a função – que Freud considera relevante – da religião na cultura.



Para ele, a fé nas doutrinas religiosas atua como forma de compensação em razão da ilusão de conforto que essas doutrinas oferecem, pela aparente explicação da ordem das coisas e por apontarem para a esperança de dias melhores no futuro, mesmo que para atingi-lo seja necessário abdicar da vida. A ilusão não deve necessariamente ser tomada como um erro, porém, resume-se a um produto derivado dos desejos humanos; o “sentimento oceânico”, hoje denominado pelos estudos da cultura e da identidade como “sentimento de pertença” (BAUMAN, 2005), oferece ao indivíduo, na acepção em que Freud o analisa, o derivativo da inclusão, juntamente com outros a ele semelhantes, num abrangente esquema de cuidado e proteção por parte de um poder diretor que a tudo domina e prevê, mas isso não dispensa o indivíduo dos duros processos psicológicos individuais necessários à maturidade e à integridade mental. O homem, afirma Freud, deve ser educado para a realidade, da qual a necessidade também é parte integrante.

O argumento religioso, na visão psicanalítica, extrapola o âmbito da razão, uma vez que leva o indivíduo a transferir suas responsabilidades e necessidades para a divindade e/ou para aqueles que se fazem seus porta-vozes. Talvez seja exatamente essa combinação entre escapismo e assistencialismo que confere à religião uma efetividade que a psicanálise, como aponta Freud, está longe de alcançar no que diz respeito ao alívio à dor humana. Considerando a necessidade da coerção (e não do arrefecimento consensual) dos instintos na civilização moderna, a substituição da religião só se daria mediante o estabelecimento de outro sistema de doutrinas tão rígido e intolerante quanto o atual.

Freud, em sua conferência XXXV (1933) define a questão de uma *weltanschauung*. Tal palavra, de significado especial para ele, é justificada como um conceito especificamente alemão e de difícil tradução. Porém, no português podemos entender esse conceito como “visão de mundo”, considerando que cada indivíduo pode ter sua própria visão e não se prender a uma única verdade.

Sendo a psicanálise uma ciência especializada do ramo da psicologia, é incapaz de formular sozinha uma *Weltanschauung*; por conseguinte, adere à *Weltanschauung* científica. Essa, por sua vez, recebeu forte contribuição da psicanálise, que estendeu a pesquisa à topografia da mente. Contudo, a *Weltanschauung* científica não merece um nome tão elevado, pois é muito incompleta. (1933, p. 177).

Entretanto, apesar de salientar as fraquezas de uma *Weltanschauung* científica, Freud a defende como discurso de oposição a outras áreas como a arte, a filosofia e a religião. A primeira é inócua e benéfica, mas puramente ilusão. A filosofia, apesar de usar métodos científicos, o que não a opõe à ciência, é também vista como ilusão por acreditar ser capaz de explicar o universo e aceitar como uma das fontes do conhecimento a intuição. Por último, a religião, considerada seriamente como adversária, por oferecer aos seres humanos informações sobre a origem da vida, proteção e felicidade, dirigindo-lhes os pensamentos e ações mediante preceitos religiosos estabelecidos pela sua autoridade. Portanto, de acordo com a perspectiva freudiana, uma *Weltanschauung* científica diz respeito a assuntos relacionados ao conhecimento, enquanto as outras áreas estão ligadas à ilusão. Comparando as funções que a religião preenche com as experiências infantis, Freud diz:

A mesma pessoa, à qual a criança deveu sua existência, o pai (ou, mais corretamente, sem dúvida, a instância parental composta do pai e da mãe), também protegeu e cuidou da criança em sua debilidade e desamparo, exposta que estava a todos os perigos que a esperavam no mundo externo; sob a proteção do pai, a criança se sentiu segura (FREUD, [1933], 1996, p. 159).

Assim, a criança atribui sua existência e a existência do universo ao Pai e, quando adulta, percebendo que o pai não é o “super-herói” da infância, atribui a função de conferir proteção e felicidade a Deus. E assim como o pai educa uma criança com recompensas e punições, a religião também educa seus fiéis de acordo com seus preceitos religiosos. Apesar das críticas feitas à ciência pelos adeptos da *Weltanschauung* religiosa, Freud contra-argumenta da seguinte forma:

Apesar de ser atualmente incompleta, apesar das dificuldades que isto representa, ela [a ciência] continua indispensável para nós, e nada pode tomar o seu lugar. É capaz de melhoramentos jamais sonhados, ao passo que a *Weltanschauung* religiosa não o é. Esta está completa em todas as suas partes essenciais; se ela foi um erro, assim deve ser, para sempre. Nenhum menosprezo à ciência pode de algum modo alterar o fato de que ela está procurando levar em conta nossa dependência do mundo externo real, ao passo que a religião é uma ilusão e deriva sua força da sua presteza em ajustar-se aos nossos impulsos instintuais plenos de desejos. (FREUD, [1933], 1996, p.170).

O autor comenta outras *Weltanschauungen* de caráter político e opostas à ciência: a anarquista e a marxista. Segundo a teoria anarquista, não existe verdade, não existe conhecimento seguro sobre o mundo externo. O que aclamamos como verdade científica é fruto de nossas próprias necessidades, assim como estas, em condições externas mutáveis, irão se expressar; ou seja, também são ilusões. “Fundamentalmente, encontramos somente aquilo de que necessitamos e vemos apenas o que queremos ver.” (FREUD, [1933], 1996, p. 173).

Freud afirma que a teoria marxista adquiriu as características de uma *Weltanschauung*; todavia, adquiriu, simultaneamente, uma semelhança com aquilo contra o que está lutando: a desigualdade entre as classes e a alienação do pensamento. Apesar do marxismo prático ter varrido impiedosamente todos os sistemas idealísticos e as ilusões, ele próprio desenvolveu em seu ideário ilusões que não são menos questionáveis e merecedoras de desaprovação do que as anteriores que viera a combater e erradicar do sistema social. Freud enfatiza sua crítica à imposição marxista de uma proibição do pensamento crítico:

Embora sendo [o marxismo] originalmente uma parcela da ciência, e construído em sua implementação, sobre a ciência e a tecnologia, criou uma proibição para o pensamento que é exatamente tão intolerante como o era a religião, no passado. Qualquer exame crítico do marxismo está proibido, dúvidas referentes à sua correção são punidas, do mesmo modo que uma heresia, em outras épocas, era punida pela Igreja Católica. Os escritos de Marx assumiram o lugar da Bíblia e do Alcorão, como fonte de revelação, embora não parecessem ser mais isentos de contradições e obscuridades do que esses antigos livros sagrados (FREUD, [1933], 1996, p. 175).

Para Freud, uma *Weltanschauung* fundamentada sobre a ciência possui, com exceção ao seu destaque no mundo externo real, essencialmente traços negativos, tais como a submissão à verdade e a rejeição às ilusões. É dentro deste espírito que o Pai da Psicanálise mobiliza as verdades transitórias do discurso científico para estudar aspectos ligados à infância cuja compreensão pelos homens esteve quase sempre moldada por crenças aparentemente inabaláveis. É o caso da derrocada pela psicanálise do mito da infância pura através das considerações sobre a sexualidade infantil e sobre a polimorfia das perversões latentes reveladas já nas primeiras relações objetais. Aprofundando essas reflexões, Melanie Klein

desenvolveu, nas décadas seguintes (50 e 60), a sua teoria do desenvolvimento infantil centrada nos conceitos de introjeção e projeção.

## **2.2 O bem e o mal, dentro e fora: a relação objetal como termômetro da cultura**

Em *Os Progressos da Psicanálise* (1969) Paula Heimann comenta, na segunda parte de seu ensaio *Certas funções da introjeção e da projeção no início da infância*, a interação do indivíduo com suas primeiras relações objetais. A partir da noção de ‘objetos primitivos’, a autora evidencia o modo pelo qual a introjeção e a projeção afetam as relações da criança, primordialmente com a mãe e o pai. Os mecanismos de introjeção e projeção encontram-se ligados às sensações e fantasias experimentadas pela criança no contato com o objeto, que determinam os seus sentimentos para com ele em torno das polaridades *bom-mau* e *dentro-fora*. O objeto “bom”, que provoca boas sensações, é introjetado, isto é, “colocado para dentro”; o objeto “mau”, que provoca sensações desagradáveis, deve ser projetado, isto é “arremessado para fora”. Por analogia, a criança introjeta (assimila, internaliza) mediante identificação as qualidades agradáveis do objeto, ao mesmo tempo em que projeta (recusa) as qualidades desagradáveis deste. Isto determina o caráter narcísico da introjeção e da projeção.

Desta forma, as relações objetais infantis e os sentimentos delas decorrentes são sempre extremos, bons ou ruins, ausentes de meio-termo. O objeto é tratado como interior, meu, ou exterior, ‘não-meu’. A natureza dessas primitivas relações objetais é dualista: o objeto é simultaneamente percebido e ignorado, aceito e negado. Heiman, fazendo referência a Freud, afirma que o autoerotismo e o narcisismo, como experiências herdadas da memória filogenética, precedem as fases libido-objetais, ou seja, identificatórias. Podemos entender, então, que as atividades autoeróticas possuem um objeto, e mesmo que esse inexistisse concretamente, há na fantasia um objeto interno satisfatório, que possibilita dispensar o objeto externo. Assim, surge a expressão “gratificação alucinatória”.

Segundo a autora, o fenômeno da alucinação torna-se elementar se o avaliarmos em conexão com a introjeção e a projeção. Ela argumenta que no narcisismo a capacidade de gratificação alucinatória é atenuada, pois ocorre em uma fase mais avançada do desenvolvimento do ego em que as frustrações estão mais ligadas à realidade, mostrando um

conteúdo mais agressivo do que o autoerótico. Contudo, tanto o autoerotismo quanto o narcisismo são recursos empregados pelo ego infantil para enfrentar as frustrações.

De acordo com Heimann, as crianças fantasiam, num mundo interior, réplicas de pessoas e objetos que as circundam, mas isso não separa o ego de sua relação com o mundo exterior e as pessoas reais. A fantasia infantil reflete a natureza imatura, “polimórfica”, libidinal e destrutiva dos impulsos instintivos infantis. As experiências com o mundo exterior (real) têm continuidade sob o domínio dos impulsos instintivos. Apesar da introjeção e projeção constituírem defesa contra as frustrações e a perda do objeto, esses mecanismos ocasionam ansiedade reprimida.

Heimann discute o progresso nas funções do ego, em que a criança desenvolve a capacidade de reconhecer pessoas “individuais”, dando-se conta da existência do pai e da mãe. As emoções da criança não apenas são ampliadas de forma quantitativa, mas também qualitativa, ingressando numa relação triangular objetal. Essa relação representa a origem do complexo de Édipo. Nessa fase, os anseios libidinais são confundidos com os destrutivos, e as propensões de hostilidade são incentivadas em razão da frustração e do ciúme. Outro aspecto complicado em relação ao complexo de Édipo são as fantasias de incorporação, erigidas em torno da intimidade parental. Aos poucos, o superego constitui-se como sistema, a partir das noções primitivas infantis sobre parte e todo, objetos e pessoas incorporados(as) e/ou incorporáveis pelo eu, qualquer que seja a natureza do ambiente (hostil, amigável) em que ele deve interagir.

Em *Violência e ressentimento: psicanálise diante do niilismo contemporâneo* (1997), Naffah Neto aponta a banalização da violência e da crueldade nos dias atuais, deixando de ser apenas traços biológicos primordiais da humanidade para estabelecer-se como fatores de influência na edificação da cultura através da mídia. O psicólogo confronta pontos de vista de Nietzsche e Freud sobre o tema. O primeiro discute a possibilidade de a crueldade ser sublimada em cultura, e o segundo, afirma que a cultura é sublimação de Eros, enquanto a crueldade relaciona-se ao sadismo, à agressividade e à destruição. Naffah Neto concorda com a receita de Freud para a consciência moral, em que frustração e amor são os principais ingredientes. A reflexão do autor é que a criança educada sem amor não possui tensão necessária entre o ego e o superego, acarretando a agressividade.

O psicólogo nos compara ao homem trágico da antiga Grécia, em que os atos de crueldade eram interpretados como possessão divina e não como uma doença da mente ou o afloramento de um conteúdo inconsciente reprimido. No caso do homem contemporâneo, a consciência cotidiana sobre o lado agressivo é esquecida, ao ponto do indivíduo não reconhecer seu próprio potencial de crueldade.

O autor menciona Nietzsche ao concordar que a formação do criminoso consiste em um indivíduo forte, colocado em situação desfavorável. Destaca, ainda, que por um lado Freud defende que tanto o superego quanto o sentimento de culpa são um mal menor, sendo necessários para o bem estar da vida comunitária. Por outro lado, Nietzsche denuncia essa forma de consciência como a grande doença da cultura ocidental. Para caracterizar o efeito dessa doença, Naffah Neto exemplifica a sua perspectiva mediante a apresentação de duas possibilidades desviantes para o resultado da formação da personalidade: os indivíduos de bem que de repente se tornam assassinos e/ou criminosos contumazes. Aqueles tem seu impulso agressivo reprimido, mas o expõe em algum momento inesperado; estes tem o exercício marginal assumido.

Na busca pelo conhecimento mútuo, prossegue o autor, a agressividade humana vem tomando forma de violência ressentida. Estamos nos adaptando a mais uma forma de niilismo (possivelmente influenciada pelo cristianismo, em sua relação com o sentimento de culpa) e assim, o indivíduo ressentido é caracterizado pela impotência e pela dor.

Em uma vertente mais crítica da psicanálise, o psicólogo assegura o pensamento de Nietzsche, em que o *amor fati*<sup>1</sup> é a verdadeira essência num processo de educação e valorização da vida. Diferente da sobrevivência a vida é rica, já a sobrevivência é uma forma de vida precária. Ele diz que na boa educação infantil, buscamos o remédio contra o niilismo e o ressentimento, mas a primeira vista esse remédio parece nos distanciar na realidade. Ele destaca, então, a utopia e sua ambivalência, além do fato de ser preciso que a psicanálise critique o seu próprio solo metafísico e, assim, evolua.

Em *Psicanálise e cultura: psicanálise kleiniana e teoria cultural* (ano), Rustin comenta a importância da psicanálise para os estudos culturais, através das interpretações lacanianas de Freud em que, tanto o sujeito quanto a cultura, tanto o indivíduo quanto a

---

<sup>1</sup> *Amor ao destino*

sociedade, são problematizados, apesar de, para ele, existir um problema em relacionar o trabalho lacaniano com a tradição das relações objetais pelo fato de abordarem ideais diferentes.

Em relação aos trabalhos do último Freud (década de 30), o autor discute a existência de duas evoluções importantes na assimilação da psicanálise na teoria cultural. A primeira é a mudança de um modelo “bioenergético e topográfico” da mente, para uma estimativa mais fenomenológica. A segunda é o desenvolvimento da teoria essencial envolvida no conceito de relação objetal, tomando como base a descoberta kleiniana de que as experiências mais primitivas do ego com o mundo exterior envolviam “objetos parciais”. Dessa versão, resulta o modelo de mundo interno, e esse é composto por diferentes partes do eu relacionados com diferentes objetos internos (RUSTIN, 2000, p.188).

Entende-se, desta forma, que a mãe é fator primordial para o controle emocional (e integração do sentido do eu) da criança durante seu desenvolvimento. Ao mencionar o complexo de Édipo, destaca-se o fato dos objetos internos fantasiados, representantes das figuras parentais na mente das crianças, serem formativos e esses objetos internos podem ser amados ou odiados.

A tarefa da psicanálise, para Rustin, consiste na tentativa de uma conscientização do mundo interno por parte do ego e da ansiedade no intuito de aliviar a dor mental que lhe é atribuída. Em relação a influência da mãe na formação da criança, Rustin cita a versão de Lacan do estágio do espelho, baseado na ideia de narcisismo primário de Freud. Trata-se da fase em que o bebê desenvolve seu ego “imaginário” através de sua própria imagem, refletida na imagem da mãe. Esta formulação, continua o autor, contrasta com a versão de Winnicott, em que a dinâmica da relação objetal não se inicia a partir do bebê individual olhando-se no espelho, mas do bebê consciente não tão afastado da mãe e que é, justamente, no rosto da mãe que o bebê começa a adquirir noção de seu próprio eu.

Lacan, segundo Rustin, analisa o fato do autorreconhecimento como fonte inicial da individualidade, dando-se conta que ele leva o entendimento do eu precisamente falsa e idealizada. Klein, segundo Rustin, defende o narcisismo como um resultado da divisão intensa em que o eu resguarda um sentimento onipotente de valor peculiar para se defender da perda e da dor que emerge do estrago do seu objeto, do qual, na realidade, ele depende.

Para Rustin, tanto a versão lacaniana quanto a versão kleiniana, concordam em que o eu se forma através do processo de interação, e ambas também estariam de acordo com os inevitáveis sacrifícios de possibilidades e repressões do desejo, resultantes desse processo. Assim sendo, uma grande parte de teoria cultural parece ter sido edificada de forma confusa a partir das premissas do “estágio do espelho”, de Lacan.

Rustin destaca que tanto a psicanálise kleiniana quanto a lacaniana deram relevância ao desenvolvimento dos símbolos e da proibição de pensamento nos últimos tempos. A capacidade simbólica é abordada por Klein e Lacan como fator de importância definitiva no desenvolvimento do eu. Para ele, nossa experiência de reagir a formas culturais deriva da experiência inconsciente interna e de sua simbolização.

Em sua posição de sociólogo, Bauman analisa as consequências das constantes mudanças políticas, econômicas e culturais explicando o termo “modernidade”. Primeiramente o autor discute o sentido de amigo, inimigo e estranho. Os amigos, criados pela pragmática da cooperação, fazem o papel de quem é bom e responsável. Por outro lado, os inimigos, criados pela pragmática da luta, fazem o papel de quem é mau e irresponsável. Já os estranhos são indefiníveis, podem ser amigos ou inimigos, sendo por tanto temíveis. Em comparação com a ideia de mundo interior e mundo exterior, podemos dizer que o interior é o conforto, lugar psicológico onde se caracterizam os amigos e o exterior é a negatividade, lugar psicológico onde os inimigos são identificados. Os inimigos são, por tanto, a negatividade dos amigos, são amigos falhos. E os estranhos, corrompem o conforto da ordem colocando o exterior dentro do interior com a suspeita do caos. Essas são as relações sociais.

Dentro das relações sociais, Bauman, lança a problemática da hermenêutica, sugerindo que problemas hermenêuticos não resolvidos significam a incerteza de como proceder em determinadas situações e que reação deve gerar os resultados aspirados; tem característica irritante. Um reflexo dos problemas hermenêuticos é a separação territorial e funcional; porém, isso também é fator importante para perpetuá-los e reproduzi-los. Ele explica que os problemas hermenêuticos persistem como uma “área cinzenta”, cercando o mundo familiar da vida cotidiana. Nessa área estão contidos os estranhos.

O “fenômeno da *estranheza*”, contudo, não pode se resumir em problemas hermenêuticos, por mais irritantes que sejam. Segundo o sociólogo, “o estranho perturba a



distância entre a ressonância física e psíquica”. A lealdade, o compromisso e a dedicação do estranho não são de confiança, são, também, características que a maioria dos nativos deseja.

Tanto a amizade quanto a inimizade são formas de sociação. Os agrupamentos supraindividuais são vestígios de coletivização de amigos e inimigos. Um exemplo desses agrupamentos são os Estados nacionais, além de coletivizarem amigos e inimigos, exercem, também, uma função peculiar: eliminam os estranhos (ou pelo menos, tentam). Citando John Breuilly, Bauman diz que a ideologia nacionalista não é uma expressão de identidade nacional, nem invenção arbitrária dos nacionalistas com finalidades políticas. Ela surge da necessidade de entender complexos arranjos sociais e políticos. Por isso, o Estado e o nacionalismo não existem um sem o outro.

Segundo o autor, se o Estado conseguisse a sua meta, não haveria estranhos no mundo cotidiano dos residentes transformados em nativos e patriotas. Haveria apenas nativos, que são amigos, e estrangeiros, que são inimigos em potencial. Na defesa contra a incômoda ambiguidade do estranho, surge o estigma. O estigma possui função imobilizadora do estranho na sua identidade de Outro excluído. O estigma afasta os perigos, é um produto da cultura que publica um limite para a força da cultura.

Para Bauman, as identidades coletivas, que antigamente eram mostradas sem problemas, de forma natural e espontânea, devem-se agora, ser artificialmente produzidas. Não havendo possibilidades de satisfazer ambas as necessidades, eis que surge uma contradição no centro da modernidade. Na sociedade moderna, o estigma situa-se no centro dessa contradição.

O sociólogo relata que, em nenhuma outra área da contradição interna da “solução liberal” para o problema da heterogeneidade é mais notável que no impulso para “assimilar” os estranhos étnicos, religiosos e culturais. Os estranhos “étnicos-religiosos-culturais” são frequentemente tentados a aceitar a visão liberal da emancipação grupal como uma retribuição dos esforços individuais de automelhoria e autotransformação.

Bauman explica que, com efeito, definir o problema de “desestranhamento” é proclamar que o estado original do estranho é uma mancha a ser removida; o estranho deve demonstrar a ausência da velha abominação. Contudo, o estranho não pode deixar de ser estranho, no máximo “um amigo em processo de aprovação”. Provar a ausência de uma

característica é tarefa endemicamente inconclusiva. Afinal, o que se pede dos “culturalmente estranhos”, é a extinção da sua origem.

Para Zygmunt Bauman, a notória inquietude do estranho lançado à posição da ambivalência que não escolheu e sobre a qual não tem controle é assim produzida socialmente. A impossibilidade inerente de executar o programa do “autorrefinamento” é então encarada como inépcia ou desinteresse em se autorrefinar. Na esteira de esclarecedor fracasso do programa de assimilação cultural, é a idéia do natural destino da raça que vem em apoio.

A entrevista, concedida por Zygmunt Bauman ao italiano Benedetto Vecchi, deu origem ao livro “*Identidade*”. Nesse livro, Bauman analisa as consequências causadas pela “modernidade líquida” à identidade do sujeito contemporâneo com base, também, em suas próprias experiências como refugiado em país estrangeiro. Ele diz que a questão da identidade moderna também está ligada ao colapso do Estado de bem-estar social e a insegurança, ligada a “corrosão do caráter”. Sua teoria não é essencialista, assim, ele afirma que nada é seguro e sólido. Por isso, o caráter líquido também pode ser associado à identidade, que pode ser modificada de acordo com o ambiente e é, por tanto, ambivalente.

Bauman levanta questões como o “deslocamento”, a partir de sua sofrida experiência de judeu perseguido pelos nazistas, depois pelos comunistas da Polônia, e expulso do próprio país. Então, na busca do descanso, o “deslocado” tenta se adaptar ao novo meio num sonho de “pertencimento”. Segundo o sociólogo, a ideia de “identidade” surgiu da crise do “pertencimento” e do esforço que esta desencadeou. Para ele “identidade” é algo a ser inventado, como “alvo de um objetivo” e tanto essa “identidade”, quanto, principalmente, a “identidade nacional” emergiu das experiências vivenciadas. Ele classifica a “identidade nacional” como uma forma preferencialmente de exclusão, argumentando que essa se fixaria sobre um “plebiscito diário”.

Com referência ao processo de globalização, o polonês destaca duas reações que teriam provocado a “ressurgência do nacionalismo”. A primeira, tentar encontrar proteção perante os aspectos globalizantes, e a segunda, uma releitura do pacto tradicional entre nação e Estado. Respondendo a outras perguntas, Bauman discute essa “ressurgência do nacionalismo” e as relações amorosas. A primeira aborda a identidade nacional, dentro de um modelo cívico, como genuinamente política e, dentro de um modelo étnico, como genuinamente cultural.

Sobre a questão amorosa, ele diz: “amar significa estar determinado, é compartilhar e fundir duas biografias”.

Na resposta de pergunta Bauman diz que “a identidade é inescapavelmente ambígua” e a compara a “uma faca de dois gumes”. Sobre aos movimentos antiglobalização, ele explica que os problemas globais só podem ser resolvidos por ações globais. Temos a escolha de “nadarmos juntos ou afundarmos juntos”. Na opinião do autor, a “era multicultural” reflete a experiência de vida da nova elite global, sendo os meios de comunicações modernos grandes influenciadores na formação da identidade coletiva. Não seria diferente em relação à experiência estética e à compreensão cultural e intelectual da arte na modernidade tardia.

### **2.3 Arte e experiência estética na modernidade tardia: o objeto (inter)semiotizado**

Em *Reflexões sobre a arte*, Alfredo Bosi (2002) define a arte como conhecimento, introduzindo essa reflexão a partir das teorias de Platão e Aristóteles acerca do conceito de mimesis. Platão conceitua mimesis como “caminho para ideia de arte como percepção analógica de certos perfis de experiência”. Aristóteles interpreta a mimesis como norma, em que, “conhecer quem mimetiza, como, onde e quando, não é uma informação externa, mas inerente ao discurso sobre o realismo na arte” (BOSI, 2002 - p. 30-31).

Para Bosi, a arte possui tradição representativa e relaciona-se com o conhecimento e a realidade, mas para os conceitos atuais a arte não possui caráter puramente representativo, assim a mimetização – ou seja, o processo de representação em si – da arte não pode ser identificada como única: cada contexto histórico possui formas diferentes de utilizar a realidade e o conhecimento na obra artística. Por exemplo,

a tendência à estilização (e à abstração) é generalizada na arte de povos indígenas, nas fases arcaicas da plástica popular e religiosa do mundo todo. [...] Mais tarde, isto é, nas etapas de consolidação das culturas urbanas, ter-se-iam desenvolvido idéias e técnicas de realismo figurativo (BOSI, 2002, p. 32).

Alfredo Bosi, ao referir o conhecimento e a construção da obra de arte, destaca a ação de um princípio formal básico nomeado por Coleridge de “imaginação construtiva”. Esse termo consiste na ideia de que o trabalho do artista se desenvolve (ao mesmo tempo) no *plano do conhecimento do mundo* (a mimesis) e no *plano da construção original de um outro mundo* (a obra). Porém, a estética da Era industrial, em que se disponibilizam meios de cópias, torna banal e simples a “imitação do natural”. A cerca desse assunto, traduzindo o ponto de vista de Baudelaire (1956, p. 327), Bosi diz que a unidade harmônica da obra vem da concepção que a preside; a esta subordinam-se os recursos técnicos de que o artista dispõe (BOSI, 2002, p. 37). Ainda, ele diz que além do *ver-pensar* o artista deve *sentir*.

Bosi afirma, em outras palavras, que o trabalho estético é uma invenção de figuras; e o fato de nestas conterem ora traços ora manchas resulta de atos diferentes relativos ao físico-mental do artista e o que se convencionou chamar a sua realidade. “O mundo se encontra dentro e fora do artista”; o eu e o quadro são um só (BOSI, 2002, p. 41). A relação entre sujeito e objeto é íntima e distingue dois modos fundamentais de conhecimento: a percepção estética e a percepção científica. Porém, a percepção científica é contrária a essa ideia, pois busca o distanciamento entre o sujeito e o objeto na qual ele reserva sua atenção.

Dentro de uma percepção artística e histórica o autor relata que o artista de uma época é influenciado pelo contexto histórico-cultural em que se vive, com todo seu empenho intelectual e ético, por isso, a arte é conhecimento.

Em *Semiótica* (2008), Peirce explica a semiótica como a pura lógica doutrinadora dos signos. Essa doutrina é “quase-necessária”, ou formal, é o processo de observação dos caracteres dos signos, ao qual ele denomina de Abstrato. A palavra Signo é usada para denotar um objeto perceptível, ou apenas imaginável, ou mesmo inimaginável num certo sentido. Mas, para que algo possa ser um Signo, esse algo deve representar alguma outra coisa, chamada de seu Objeto, sendo possivelmente arbitrária a idéia de que o Signo deva ser algo distinto de seu Objeto. O Signo pode ter mais de um objeto, ele representa o objeto ou conjunto de objetos. Peirce apresenta a divisão das relações triádicas dos signos, como mencionado em Santaella (2006). Essas relações são ditas como sendo de comparação, de desempenho e de pensamento:

A relações triádicas de Comparação são as que fazem parte da natureza das possibilidades lógicas. Relações triádicas de Desempenho são as que fazem parte da natureza dos fatos reais.

Relações triádica de Pensamento são as que fazem parte da natureza das leis. (PEIRCE, 2008, p. 49).

O autor afirma que devemos distinguir entre o Primeiro, o Segundo e o Terceiro Correlato de qualquer relação triádica. O Primeiro Correlato é o mais simples e diz respeito a possibilidades; o Segundo Correlato diz respeito à existência e possibilidades e o Terceiro, mais complexo, trata das leis e não da mera possibilidade, a menos que todos os três sejam dessa natureza. (PEIRCE, 2008, p. 49). Os signos são divisíveis em três tricotomias. Na primeira divisão um Signo pode ser denominado *Qualissigno*, *Sinsigno* ou *Legissigno*, logo:

O *Qualissigno* é uma qualidade que é um signo. Não pode realmente atuar como signo até que se corporifique. [...] Um *Sinsigno* é uma coisa ou evento existente e real que é um signo, existente através de suas qualidades. [...] Um *Legissigno* é uma lei que é um signo, normalmente estabelecida pelo homem (PEIRCE, 2008, p. 52).

Na segunda tricotomia, um Signo pode ser denominado *Ícone*, *Índice* ou *Símbolo*, assim:

Um *Ícone* é um signo que se refere ao Objeto que denota apenas em virtude de seus caracteres próprios, caracteres que ele igualmente possui quer um tal Objeto realmente exista ou não. [...] Um *Índice* é um signo que se refere ao objeto que denota em virtude de ser realmente afetado por esse objeto. [...] Um *Símbolo* é um signo que se refere ao objeto que denota em virtude de uma lei, normalmente uma associação de ideias gerais que opera no sentido de fazer com que o Símbolo seja interpretado como se referindo àquele Objeto (PEIRCE, 2008, p. 52).

Na terceira e última tricotomia, um Signo pode ser denominado *Rema*, *Dicissigno* ou *Dicente*, ou *Argumento*. Logo,

Um *Rema*, é um Signo que, pra seu Interpretante, é um Signo de Possibilidade qualitativa, ou seja, é entendido como representando esta e aquela espécie de Objeto possível. [...] Um *Signo Dicente* é um Signo que, para seu Interpretante, é um Signo de existência real. Portanto, não pode ser

um ícone. [...] Um *Dicissigno* necessariamente envolve, como parte dele um Rema, para descrever o fato que é interpretado como sendo por ela indicado. [...] Um *Argumento* é um signo que, para seu Interpretante, é Signo de lei (PEIRCE, 2008, p. 53).

De forma direta e específica Peirce esclarece os conceitos de Signo, Índice e Símbolo, em que, para ele, um Signo é um *ícone*, um *índice* ou um *símbolo*.

Um *ícone* é um Signo quando apresenta características que o torna significante, mesmo que seu objeto não exista. Um signo serve como *índice*, mas os índices podem distinguir-se de outros signos, ou representações, por três características: não tem nenhuma semelhança significante com seus objetos; referem-se a unidades singulares, individuais; dirigem a atenção para seus objetos através de “uma compulsão cega”. Em referência à lógica de Burgersdicius (1635), o autor denomina *símbolo* o Signo ligado ao seu objeto por uma convenção de que deve ser assim entendido, ou então por um instinto natural ou por um ato intelectual que o toma como representativo de seu objeto, sem que necessariamente ocorra uma ação qualquer que poderia estabelecer uma conexão fatural entre signo e objeto.

Em *Semiótica Aplicada* (2007), Lúcia Santaella comenta o modo como o número de linguagens e signos vem se expandindo sobretudo nas duas últimas décadas. Para ela, esse fato não decorre apenas do caráter capitalista da era tecnológica, mas, também, da evolução histórico-cultural humana. Consequentemente, as necessidades de ler e lidar com esses signos são cada vez maiores, e assim, a lógica ou semiótica de Peirce é essencial para atender a tais necessidades.

De acordo com a autora, a semiótica peirciana tem base na fenomenologia, vagamente definida por ela como uma “quase-ciência” que estuda *tudo* que se apresenta à mente. Essa quase-ciência comporta as fundações para três ciências normativas: estética, ética e lógica. A estética está na base da ética assim como a ética está na base da lógica. A estética é tudo aquilo que atrai a sensibilidade humana; a ética orienta nossa conduta e a lógica estuda os ideais e normas que guiam o pensamento.

A lógica semiótica (sínica, como a qualifica Peirce) tem três ramos: a gramática especulativa; a lógica crítica e a metodêutica ou retórica especulativa. A primeira consiste no estudo dos tipos de signos e formas de pensamentos que eles dispõem. A lógica crítica estuda

os tipos de inferências e, raciocínios ou argumentos estruturados através dos signos (SANTAELLA, 2007, p. 3).

A autora reafirma a teoria peirciana da natureza triádica do signo, que pode ser analisado, seja em sim mesmo, seja no que indica ou naquilo a que se refere ou, ainda, representa, bem como nos tipos de interpretações a ele inerentes ou que pode suscitar. Os tipos de interpretes dessa natureza triádica são o intérprete imediato, o interprete dinâmico e o interprete final. Nesta perspectiva, a semiótica nos permite interpretar e criar mensagens, imagens, matérias de jornais, entre outros, em qualquer meio que esses materiais culturais possam ser expressos. Entretanto, por ser muito abstrata, a teoria semiótica só nos permite mapear os campos das linguagens nos vários aspectos gerais que as constituem.

A autora explica que ao relacionar a fenomenologia com a semiótica, Pierce concluiu que há três elementos formais universais em todos os fenômenos que se apresentam à percepção e à mente, chamados de: primeiridade; secundidade e terceiridade. A primeiridade se relaciona ao acaso, às possibilidades, à qualidade, ao sentimento, à originalidade, à liberdade, enfim, à mônada, ou, em última análise, à subjetividade subjacente a esses fatores como instância criadora. A secundidade diz respeito à generalidade, continuidade, crescimento, inteligência. A terceiridade está ligada diretamente ao signo. Três propriedades formais, aponta a autora no comentário de Peirce, fazem algo funcionar como signo: sua mera qualidade, sua existência e seu caráter de lei. Nessas três propriedades, então, encontram-se as três categorias fenomenológicas já mencionadas anteriormente.

Assim sendo, em relação ao fundamento do signo com o seu respectivo objeto, dependendo da propriedade do signo que está sendo considerada, será diferente a maneira de se representar um objeto. Para uma melhor compreensão, Peirce distinguiu o objeto dinâmico do objeto imediato:

Quando ouvimos uma música, o objeto dinâmico é tudo aquilo que as conseqüências de sons são capazes de sugerir para a nossa escuta. [...] O objeto imediato é o modo como o signo representa ou indica ou, ainda, sugere o objeto dinâmico (SANTAELLA, 2007, p. 15 -16).

Santaella, então, apresenta o terceiro elemento da tríade da constituição do signo: os efeitos e níveis do interpretante (a saber, imediato, dinâmico e final). Se o objeto é aquilo que determina o signo e que o signo representa, o interpretante é o efeito que o signo produz. O

efeito do interprete imediato é o interpretante interno ao signo, trata-se do potencial interpretativo do signo. O efeito do interprete dinâmico corresponde ao efeito que o signo efetivamente produz em um intérprete. E o efeito do interprete final é o interprete lógico, quando o signo é interpretado através de uma regra interpretativa internalizada pelo interprete (SANTAELLA, 2007, p. 25).

Ao tentar montar um percurso metodológico de aplicação desses conceitos para uma leitura semiótica, a pesquisadora destaca a importância de inicialmente contemplar o fenômeno atendendo aos seus aspectos qualitativos, enquanto qualissigno. Em seguida deve-se observar a singularidade do signo e seus aspectos enquanto sin-signo, considerando suas limitações dentro do contexto onde se encontra. Também, ela sugere que deveremos olhar os fenômenos de modo generalizado, analisando os aspectos de lei do fundamento do signo, enquanto legi-signo. Partindo desse ponto, compreende-se que “os sin-signos dão corpo aos qualissignos enquanto os legi-signos funcionam como princípios-guias para os sin-signos”. Os três tipos de fundamentos do signo, (Quali-sin-legi-signos), são na realidade três aspectos que trabalham crucialmente interligados (SANTAELLA, 2007, p. 32).

Em relação aos aspectos sugestivo, indicativo e representativo dos signos, Santaella afirma que há três modos pelos quais os signos se reportam aos seus objetos dinâmicos: o modo icônico, o indicial e o simbólico. No aspecto icônico a referencialidade é aberta e muito ambígua, no indicial ela é direta e pouco ambígua. Já no aspecto simbólico, a referencialidade é muito rica, tendo base nos legi-signos. Dessa análise, a autora passa para a os processos interpretativos do signo, ressaltando, novamente, o processo da natureza triádica dos signos. Ela fala que o ato de interpretar um signo automaticamente embute os outros dois aspectos do signo: o de seu fundamento e sua relação com o objeto.

Com o suporte da semiótica, este trabalho faz uso do gênero literário ‘romance gráfico’, caracterizado por texto verbo-pictórico. Esse gênero surgiu em 1985, explicado pelo quadrinista Will Eisner em *Quadrinhos e arte sequencial* (2010) e posteriormente por Scott McCloud em *Desvendando os quadrinhos* (2005). Ambas as obras tratam-se de *metacomics*, assim definido por Eisner (2010, p.65), em que as histórias em quadrinhos nos explicam como fazer quadrinhos, ou seja, diz respeito à metalinguagem em histórias em quadrinhos.



No trabalho, *Narrativas Gráficas: princípios e práticas da lenda dos quadrinhos* (2008) Eisner afirma que o romance gráfico exige sofisticação literária não apenas do escritor, mas principalmente do artista. Ele destaca que:

Os quadrinhos procuraram tratar de assuntos que até então haviam sido considerados como território exclusivo da literatura, do teatro ou do cinema. Autobiografias, protestos sociais, relacionamentos humanos e fatos históricos foram alguns dos temas que passaram a fazer parte do universo dos quadrinhos (EISNER, 2008, p. 8).

Para que o leitor entenda melhor o “vocabulário dos quadrinhos”, McCloud ensina, através do *metacomic*, seus conceitos de ícone. Para ele, o termo símbolo “é pesado demais”. Vejamos:

As imagens que geralmente chamamos de “símbolos” são uma categoria de ícone. Estas são as imagens que usamos para representar conceitos e idéias. Há ícones de linguagem, de ciências e de comunicações. Ícones do reino prático. E, finalmente, os ícones que chamamos de figuras: imagens criadas pra se assemelharem a seus temas. Assim, como a semelhança varia, o mesmo ocorre com o conteúdo icônico. Em outras palavras, algumas figuras são mais icônicas do que outras (MCCLLOUD, 2005, p. 27).

McCloud explica que os ícones não-pictóricos têm “significado fixo e absoluto”. Nesse caso, a aparência não afeta o significado porque representa ideias invisíveis. Entretanto, em termos de figura, o significado flui e varia de acordo com a aparência, diferindo-se da vida real em vários graus. Porém, os ícones pictóricos (como a fotografia e o desenho realista) se aproximam dos equivalentes reais e, por isso, são realistas (MCCLLOUD, 2005, p. 28).

Em relação ao tempo nas histórias em quadrinhos, McCloud revela que “nos quadrinhos, cada painel mostra um único momento no tempo.” E, que nossa mente cria a ilusão de tempo e movimento, pois preenche os momentos interpostos, “como uma linha desenhada entre dois pontos”. “Assim, como as figuras e os intervalos entre elas criam a ilusão de tempo através da conclusão, as palavras introduzem o tempo representando aquilo que só pode existir no tempo – som” (MCCLLOUD, 2005, p. 94 – 95).

O artista explica que nossos olhos se acostumaram a ver qualquer cena como um momento único, pela constante arte fotográfica e representacional que somos expostos. No entanto, as ações que achamos que estão ocorrendo ao mesmo tempo, na verdade não estão.

Isso porque, “os rostos e palavras também são combinados no tempo”. “A propriedade da ‘imagem única’ e contínua, enquanto isso, tende a combinar cada figura coma outra (imagem única, momento único)”. Ele conceitua que cada figura se organiza da esquerda para direita na sequência de leitura, ocupando um espaço distinto de tempo (MCCLLOUD, 2005, p. 96 – 97.)

Contudo, McCloud diz que nem todos os quadros são dessa forma. Por exemplo, um quadro mudo pode representar, de fato, um único momento. Quando se introduz som, o quadro muda, mas se “quebrar o silêncio” de um quadro com um texto narrativo, o ‘momento único’ é mantido (MCCLLOUD, 2005, p. 97 – 98).

Os ícones que chamamos de “molduras” ou quadros, segundo McCloud, não tem significado fixo e absoluto, nem seu significado é fluido e maleável. “O quadro age como um tipo de indicador geral de que o tempo ou o espaço está sendo dividido”. Assim como Eisner (2010), McCloud argumenta que “a duração do tempo e as dimensões do espaço são definidas mais pelo conteúdo do quadro do que pelo quadro em si.” Por razão das formas dos quadros variarem constantemente, e, apesar disso não interferir no “significado” específico dos quadros em relação ao tempo, “elas podem afetar a experiência da leitura.” Isso, leva-nos relacionar o tempo representado nos quadrinhos e o tempo percebido por quem está lendo (MCCLLOUD, 2005, p. 99).

Segundo McCloud, “quando aprendemos a ler quadrinhos, aprendemos a perceber o tempo espacialmente, pois, nas histórias em quadrinhos, tempo e espaço são uma única coisa.” (MCCLLOUD, 2005, p. 100). A crise identitária, delineada no presente trabalho, é profundamente explorada na representação e dinamismo do criador de *Retalhos* (THOMPSON, 2009).

### **3. ANÁLISE DE DADOS**

#### **3.1 Identidade em *Retalhos*: reunindo os fragmentos dispersos do eu**

*Retalhos* (2009) é um romance gráfico em que a personagem principal, Craig, representa o próprio escritor, Craig Thompson. Na narrativa em quadrinhos, o autor mimetiza através do texto e imagem a trajetória de sua infância, adolescência e início da fase adulta.

Iniciando a história com quadros retratando *flashbacks* de sua infância, Craig, pela voz e pelos olhos do narrador, relata sua vida pobre, em que sofria *bullying* na escola; a autoridade grosseira do pai e a religiosidade extrema da mãe (acrescidas da profunda indiferença de ambos) sobre ele e o irmão mais novo, Phil; a posição impotente das crianças, pois devem respeito aos pais e à religião que lhes é imposta, além de serem vulneráveis aos estranhos. No caso de Craig e Phil, foram abusados sexualmente pelo “estranho” adolescente *baby-sitter*. (p. 29-32).

Figura 1



Fonte: Retalhos. 2005, p. 29.

Craig se culpa por “desejar o mal” daqueles que o infelicitam. Isso seria pecado, já que ele foi ensinado que deve-se perdoar e retribuir o mal com o bem. Entretanto, ele sente raiva. Outro detalhe a observar: a identidade social (posição) de cada um aparece como uma tarja diante dos olhos, o que pode sugerir a cegueira em relação ao que é verdadeiro, essencial. A posição de cada um é ilusória, falsa, pois baseia-se no falso pressuposto de que seus detentores são superiores em relação àqueles que humilham. No quadrinho menor, vejamos a

diferença do tamanho entre os meninos e o *baby-sitter*. Apesar da mágoa, o narrador sofre com a incerteza do perdão divino.

Figura 2



Fonte: Retalhos. 2005, p. 30.

No terceiro quadrinho, podemos observar os reflexos da memória de Craig: olhar inocente, bracinhos finos, o que atesta a sua culpa em relação ao irmão, que ele julga que deveria ser capaz de defender; no entanto, o próximo a “ouvir a piada” será Phil e Craig o verá seguir com o molestador sem esboçar nenhuma reação (como mostra a fig. 3 a seguir). Por que não reportaram o fato aos pais? Em primeiro lugar, o abuso sexual provoca terror, vergonha e nojo, e as vítimas comumente silenciam o fato, principalmente quando o ambiente não oferece apoio, como é o caso dos garotos. Como vencer a distância que os separa dos pais para falar sobre o acontecido?

Figura 3



Fonte: Retalhos. 2005, p. 31.

Figura 4



Fonte: Retalhos. 2005, p. 32.

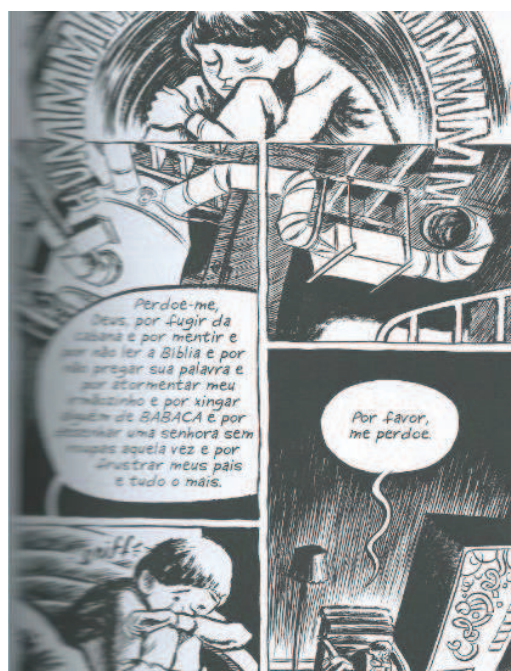
Na Fig. 4, observa-se uma imagem eloquente da carga imensa que Craig carregava nos ombros: além da culpa por não haver defendido o irmão contra o abuso sexual, inscrita como memória, envolta em nuvem negra, deve ainda suportar as zombarias dos colegas. O “convite” feito pela professora também não pressagia nada de bom.

Craig, inconscientemente, sente-se culpado por não ter protegido o irmão mais novo do pedófilo; sente-se mal com o *bullying* sofrido na escola e pelos maus tratos dos professores e resolve retratar, “inocentemente” sua dor através de poemas e desenhos em que as pessoas comem seus próprios excrementos, o que, mais uma vez, o torna mal visto pelos professores e motivo de piada para os outros colegas de sala. De acordo com Naffah Neto (1997), o que o menino Craig expressa com os desenhos e poemas é, na verdade, a agressividade humana em forma de violência ressentida. Uma adaptação de mais uma forma de niilismo (possivelmente influenciada pelo cristianismo imposto a Craig, em sua relação com o sentimento de culpa) e assim, ‘o indivíduo ressentido é caracterizado pela impotência e pela dor’.

A infância do autor é apresentada ao sabor de uma marcada repressão religiosa, da qual Craig não tinha como furtar-se. Sua impotência diante dos fatos fazia com que ele se sentisse tão culpado, que desesperadamente buscava, através da oração e mediante duros embates depressivos, o perdão de Deus. Na Fig. 5 (RETALHOS, 2005, p. 87), novamente o autor retrata a culpa (“me perdoe”). A imagem mostra carência e desejo de calor humano. As letras circundam a personagem, que se coloca em posição fetal; a imagem remete ao calor e proteção do útero. O ruído da máquina funciona como ‘canção de ninar’. A personagem, açoitada pelo meio hostil, regride inconscientemente a uma etapa de sua formação que lhe permite alheamento/distanciamento, além da ilusão de segurança e conforto.

Na escola dominical, que Craig e Phil tinham de frequentar, aprendia-se que a vida na Terra é curta e o sofrimento é provisório, mas no Céu a vida seria eterna e perfeita, bastando para atingi-la suportar estoicamente os sofrimentos do presente. O garoto acreditava fortemente nessa ideia, a ponto de fazer disso uma meta, porém, durante a puberdade, foi adquirindo maturidade para enfrentar a realidade e muda-la por si próprio.

Figura 5



Fonte: Retalhos. 2005, p. 87.

Passando pela fase traumática da infância da personagem, observa-se o fenômeno do complexo de Édipo, em que, segundo Rustin (2000), o fato dos objetos internos fantasiados, representantes das figuras parentais na mente das crianças, serem formativos, esses objetos internos podem ser amados ou odiados. A agressividade do pai e a alienação da mãe, pela religião, fizeram da infância de Craig uma experiência frustrante que com ela trouxe o medo, por ele reportado, de se tornar adolescente (Fig. 6, p. 292).

O medo de Craig de crescer e tornar-se adolescente devia-se ao abuso sexual sofrido quando criança pelo *baby-sitter* que era adolescente; temia ser igual a ele. Esse medo de crescer ainda está relacionado ao complexo de Édipo, medo das recordações de valor afetivo, parcial ou inconsciente (id) constituído a partir das relações interpessoais presentes em seu histórico infantil. De acordo com Heimann (1969), as crianças fantasiam, num mundo interior, réplicas de pessoas e objetos que as circundam, mas isso não separa o ego (a consciência) de sua relação com o mundo exterior e as pessoas reais. A fantasia infantil reflete a natureza imatura, “polimórfica”, libidinal e destrutiva dos impulsos instintivos infantis. As experiências com o mundo exterior (real) têm continuidade sob o domínio dos impulsos instintivos. Apesar

da introjeção e projeção constituírem defesa contra as frustrações e a perda do objeto, esses mecanismos ocasionam ansiedade reprimida.

Durante a fase de transição de criança para adolescente, ocorre o desenvolvimento estrutural da psique, Thompson passou a criar sua identidade, o ego passou a se enriquecer de acordo com as novas experiências.

Figura 6



Fonte: Retalhos. 2005, p. 292.

Na adolescência, Craig pode compensar seus sofrimentos com a religião, encontrando pessoas, assim como ele, “rejeitadas” e se apaixonando por Raina (Fig. 7, p. 404). A compensação, segundo Freud (1997), é uma ilusão gerada para fugir da realidade, essa ilusão não deve necessariamente ser tomada como um erro, porém, são apenas frutos dos desejos humanos. Hoje nos estudos da cultura e identidade, podemos comparar esses desejos humanos ao “sentimento de pertença”, que de acordo com Bauman (2005), “oferece ao indivíduo, na aceção em que Freud o analisa, o derivativo da inclusão, juntamente com outros a ele semelhantes”, dentro de um esquema grandioso de cuidado e proteção por parte de um poder superior que a tudo domina. Porém, isso não o exclui dos difíceis processos psicológicos



individuais necessários à maturidade e à integridade mental. Freud afirma que o homem deve ser educado para a realidade, da qual a necessidade também é parte integrante.

Figura 7



Fonte: Retalhos. 2005, p. 404.

Entretanto, ao desenvolver sua identidade, o mal-estar volta a atordoar a personagem. Craig, criado sob influência religiosa, começa a perder a fé, gradativamente. Ele temia a opinião dos outros e principalmente a dos pais, se ele dissesse que não acreditava mais no poder divino. A personagem passa a temer, também, transferir seus medos de adolescente para a fase adulta. As reflexões acerca do que ele julga como certo ou errado, retrata ainda o desenvolvimento do superego. A personagem se mostra agora duplamente culpada (dessa vez conscientemente) por não ter protegido o irmão mais novo dos abusos ocorridos no passado e por estar perdendo a fé (Fig. 8, p.18; Fig. 9, p. 449). Numa relação que Freud qualifica de “sádica”, a consciência, enquanto instância julgadora do ego, é atribuição do superego e a “necessidade de punição” funciona como alternativa, por vezes a única, para o equacionamento do mal-estar. O remorso, nessa perspectiva, como reação ao sentimento de culpa, constitui uma manifestação instintiva por parte do ego, tornado masoquista sob a influência do superego. Aceitar a responsabilidade sobre os atos que a consciência reprova equivale psicanaliticamente a reagir masoquisticamente ao assédio do agente crítico, tendo como dividendo eximir-se do julgamento dos outros.

Figura 8



Fonte: Retalhos. 2005, p. 18.

Figura 9



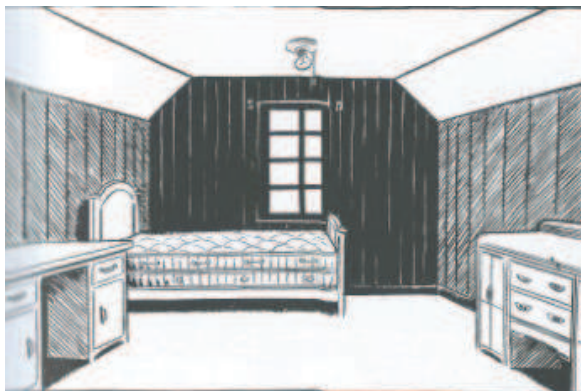
Fonte: Retalhos. 2005, p. 449.

Na fig. 9 acima (RETALHOS, 2005, p. 449) nos deparamos com o início do processo de mudança de posição: Craig começa a questionar as verdades inquestionáveis que o torturavam. Começa a amadurecer. A partir daí, inicia-se a revisão da culpa e da própria impotência diante do sistema (escola, colegas, pais, religião, professores): até que ponto os demais falharam? Por que só ele estava errado?

Seguindo a evolução da maturidade de Craig, ele sai de casa depois dos vinte anos, volta para visitar o irmão que estava para se formar, e desabafa sua falta de fé no cristianismo (devido às contradições que ele encontrou na Bíblia e no comportamento dos adultos), apesar de não querer contar isso aos pais (Fig. 10, p.529; Fig. 11, p.531). Depois de mais alguns anos,

retorna novamente à casa dos pais para o casamento de Phil e, em seguida, para o Natal (Fig. 12, p. 555; Fig. 13, p. 559).

Figura 10



Fonte: Retalhos. 2005, p.529.

Na Fig. 10, a imagem sugere arrumação, ordenamento; a falta de enfeites e detalhes suavizadores (colcha, almofadas, objetos de uso pessoal, etc.) sugere a ausência do eu, que não está mais ali e que as experiências vividas lá foram muito duras; a avaliação que Craig faz destas experiências é fria, objetiva, desataviada. Entretanto, aquele ambiente que moldou a sua posição como adulto – de superação, entendimento – permanece em sua memória, como extensão da escola e da educação dos pais em casa; não há apego, mas reconhecimento.

Figura 11



Fonte: Retalhos. 2005, p. 531.

Na Fig. 11, Craig retrata o resquício da culpa; não quer desagradar os pais, mas também não quer violentar-se; a identificação com o irmão permite a sinceridade.

Figura 12



Fonte: Retalhos. 2005, p. 555.

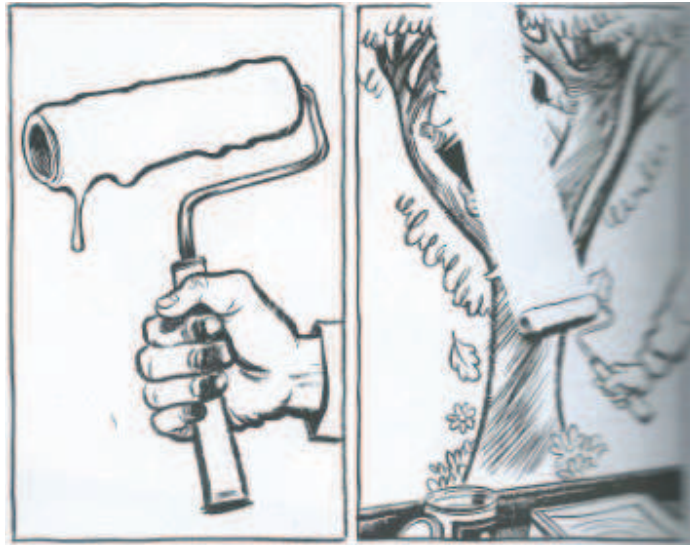
Figura 13



Fonte: Retalhos. 2005, p. 559.

Durante as visitas aos pais, Craig sempre dá um jeito de rever os lugares de infância e procurar as lembranças da adolescência. Apesar de adulto, ainda demonstra vulnerabilidade na presença dos pais, pelo fato do constante mal-estar de estar fazendo algo que eles reprovariam. O medo de ser julgado por não estar indo aos cultos ou orando. (Fig. 14, p. 540; Fig. 15, p. 528; Fig. 16, p. 565)

Figura 14



Fonte: Retalhos. 2005, p. 540.

O significado de apagar o já vivido; assim como a pintura na parede, havia a colcha, guardada no compartimento fechado do quarto (o quartinho do castigo), que alegoricamente sugere o inconsciente como local do acervo das memórias, do depósito das culpas, do acúmulo dos conhecimentos.

Figura 15



Fonte: Retalhos. 2005, p. 528

Figura 16



Fonte: Retalhos. 2005, p. 565.

Ao abrir a colcha e não destruí-la, o que equivale a revisitar o passado sem negá-lo, Craig incorpora positivamente a experiência; reconcilia-se consigo mesmo, inclusive com a religião, ao compreender que reside dentro dele o poder de gerir a sua própria história e transforma-la em conhecimento.

Freud ([1933], 1996), ao comparar as funções que a religião preenche frente às experiências infantis, afirma que do mesmo modo que a criança atribui características de “super-herói” ao pai, o adulto, em sua maturidade, atribui essa característica a Deus.

No caso de Craig, ele foi criado num mundo em que apenas Deus tinha o poder, ele não menciona o pai como um “super-herói” e no momento em que sua “visão de mundo” (o que Freud chama de *Weltanschauung*) o faz questionar o que é verdade ou mentira sobre o cristianismo, sua fé desmoronou. Ele se deu conta de que viveu a infância e a adolescência iludido; teve que conviver com o mal-estar de ser julgado se tentasse fazer algo “errado” ou “impuro” aos olhos cristãos, acreditando em um futuro num lugar perfeito, o céu. Adulto, descobre esta plenitude como estado de espírito.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na Psicanálise, nos Estudos Culturais e na Semiótica, foi objetivo principal desta pesquisa caracterizar a crise de identidade vivida pela personagem ficcionalizada na HQ aqui estudada, considerando a sua influência no processo de tomada de posição.

Os principais fatores que determinaram o mal estar foram: a) desconfiança quanto às perspectivas de futuro, originada do descaso e/ou da descrença em relação ao presente; b) inadequação ao ambiente familiar/social; c) sensação de impotência/insuficiência para lidar com os próprios dilemas e experiências a eles relacionadas; d) sensação de abandono, desamparo, solidão, angústia, tristeza e medo existencial, proveniente da ausência de teogonias confortadoras e da descrença nas instituições e autoridades constituídas; e) sensação de esmagamento sob o peso da atribuição autoimposta de trazer ordem ao caos interior e exterior.

Nesta perspectiva, o principal problema enfocado pela análise consistiu em compreender até que ponto as escolhas realizadas por Craig Thompson, através da racionalização, traduziram um movimento de subjetivação ou simplesmente reforçaram os termos da norma social vigente, esmagadora e excludente?

A maneira pela qual Craig solucionou a problemática acima foi desligando-se de todas as instâncias do poder parental (pais, professores, instrutores religiosos) que condicionaram a sua educação na infância e na adolescência, por considerá-las inconsistentes na relação entre discurso e ação. Culpando-se repetidamente das injustiças sofridas, sentindo raiva de si próprio (e dos outros) pela impotência de que deu testemunho em tantas ocasiões, Craig consegue, enfim, redimensionar a percepção da própria realidade: não era culpado do pecado da transgressão; as normas de seu grupo social, que ele percebeu serem burladas pelos mesmos que delas se beneficiavam e as ensinavam, é que o faziam sentir-se assim. Em novo contexto de vida, buscando ser coerente consigo mesmo, dedica-se com sucesso à sua arte, que havia em outros tempos sido associada a instrumento de tentação demoníaca.

No que diz respeito ao conflito familiar, baseado na oposição ao poder parental, Craig “mata os pais” – no sentido de subverter e superar não só as normas e imposições dos superiores e do ambiente, mas a ascendência psicológica paterna, inibidora e sufocante. A

personagem teve a religião como um ponto marcante em sua vida, pela formação cristã, que veio a renegar, sem, no entanto, deixar de crer em Deus. Apesar de haver vivenciado o amor, temia o futuro pelo que vivia no presente, sentia-se desprezado e impotente perante os dilemas e experiências que teria de enfrentar, encontrando, por fim, na arte, um canal privilegiado de autoconhecimento e superação.

Considerada, numa visão ampla, como “ciência que estuda o conjunto da cultura, resolvendo em signos uma imensa variedade de objetos e eventos”, (ECO, 2007, p.9), a Semiótica ofereceu à pesquisa um campo privilegiado de investigação para a composição das histórias em quadrinhos. O signo peirceano (PEIRCE, 2008, p.45), tripartindo-se em primeiridade (traço relacionado ao *fundamento* e à decodificação), secundidade (traço relacionado ao *objeto* e ao uso do conhecimento prévio) e terceiridade (traço relacionado ao *interpretante* e à interpretação), constituiu-se como um dos elementos-base para a significação, aqui compreendida, na acepção de Fontanille, como “produto organizado pela análise de um determinado conjunto signifiante” (FONTANILLE, 2007, p. 31-32). Tal procedimento explica-se pela possibilidade de diálogo existente entre estas perspectivas e a leitura freudiana das imagens e discursos no método das livres associações.

Dessa forma, no âmbito da Teoria da Literatura incluíram-se os procedimentos metodológicos relativos ao exame da mimese da narrativa nas histórias em quadrinhos como gênero, aqui centrados preferencialmente na atuação e na caracterização das personagens. Tornou-se então imprescindível considerar outros aspectos fundamentais para o potencial de identificação das histórias com o leitor, sugeridos no tratamento dos espaços, na ambientação, na natureza dos conflitos vividos, na linguagem, etc. Em suas linhas mais gerais, se bem que em caráter resumido, estão contidos nesta monografia os nossos apontamentos relativos a mais essa fase da pesquisa.



## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Capítulo II: A Construção Social da Ambivalência. Pg 62 – 84. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. Capítulo II. p. 27 – 48. São Paulo: Ática, 2002.
- EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Narrativas gráficas: princípios e práticas da lenda dos quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Devir, 2008.
- FREUD, Sigmund. (1932) **Conferência XXXV A questão de uma Weltanschauung**. In: \_\_\_\_\_. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. **O Futuro de uma Ilusão**. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- FREUD, Sigmund; FREUD, Anna. Trad. James Strachey. **O Mal-estar na Civilização**. In: \_\_\_\_\_. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à Pesquisa Científica**. Campinas, SP: Alinea, 2001.
- Heimann, Paula. **Os Progressos da Psicanálise**. Certas Funções da Introjeção e da Projeção no Início da Infância. Capítulo IV, p. 154 – 184. Rio de Janeiro: Zahar Editores Ed., 1969.
- MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda., 2005.
- NAFFAH NETO, Alfredo. **Violência e Ressentimento: Psicanálise Diante do Nihilismo Contemporâneo**. p. 99-116. São Paulo: HUCITEC Ed., 1997.
- PEIRCE, S. Charles. **Semiótica**. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- RUSTIN, Michael. **A Boa sociedade e o Mundo Interno: Psicanálise, Política e Cultura**. Capítulo III. Psicanálise e Cultura: Psicanálise Kleiniana e Teoria Cultural. p. 187 – 208. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- SANTAELLA, Lucia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Thompson, 2007.
- THOMPSON, Craig. **Retalhos**. São Paulo: Companhia das letras, 2009.